

BLIZZARD ENTERTAINMENT

# Cartas na Mesa

---

por

Robert Arjet

Nerissa Natoli avançava lentamente pelas ruas escorregadias de chuva de Hespéria. As gotas da garoa emprestavam uma aparência sinistra às luzes na penumbra mortiça do entardecer. Estava menos preocupada com as criaturas vistas recentemente na cidade que com o frio, com a névoa que se condensava em chuva e tornava as ruas escorregadiças e traiçoeiras. O manto de lã fina a mantinha aquecida, mas a indignidade de caminhar pela chuva a deixava amarga e ressentida.

Apenas um ano antes, ela estaria em uma carruagem, assistida por criados. Claro que, um ano atrás, os credores ainda não tinham começado a bater em sua porta com dívidas e contas não pagas — todas em nome do seu marido. Nerissa dizia a si mesma que Ashton era um homem bom, no fundo. Mas o jogo e a bebida já haviam derrubado homens muito melhores que ele, e Ashton desaparecera sabe-se lá onde, levando o último tesouro da família consigo. Ela não tinha coragem culpá-lo por aquela fraqueza, mas, ao pisar em uma poça gelada, sentiu o estômago revirando-se de raiva.

Ela desceu uma rua residencial pontuada por árvores antigas e mansões elegantes, e se lembrou dos muitos bailes a fantasia para os quais levava Elizabeth naquela mesma avenida. Quando ainda havia dinheiro para vestidos novos. A rua parecera imponente na época, vista da janela de uma carruagem. Mas a carruagem se fora logo depois dos vestidos, e agora as árvores pareciam pretas e malévolas, os galhos retorcidos sacudindo em meio à névoa.

Ela ficou com os cavalos tanto quanto pôde. Eram o símbolo evidente da posição da família, e, quando os vendeu, já não podia sequer fingir alguma dignidade. Andando pelas ruas úmidas como uma aldeã, amaldiçoou sua sina em silêncio e desejou outra

vez que Ashton voltasse, com a fortuna intacta e a fraqueza finalmente vencida. Não costumava se entregar à fantasia, mas não tinha nada mais que a confortasse. Disse a si mesma que encontraria uma saída. Não deixaria que a irmã morresse como uma solteirona pobre. Pensar naquilo era o bastante para firmar sua resolução. A qualquer preço, houvesse o que houvesse, ela encontraria uma saída.

Tomando uma rua transversal, ela viu seu destino pairar à frente como um penhasco rochoso e sombrio. Na verdade, era apenas a residência relativamente modesta de Vincent Dastin, um mercador próspero — embora vulgar — e agiota, mas, na imaginação dela, a casa encimava toda a paisagem, inamovível, intimidadora. Olhou para a porta da frente com apreensão. Um ano antes, teria enviado um mensageiro e ficado bebericando vinho fino do Kehjistão na carruagem. Naquela noite, no entanto, subia os longos degraus na direção da porta, temendo a vergonha de pedir — não, de implorar — pela paciência dele.

Narissa chegou à entrada e levou a mão à aldrava. Segurou o metal frio com toda a firmeza que conseguiu reunir e deixou-o bater na porta de sequoia, que se abriu quase na mesma hora em dobradiças bem oleadas.

— Sim? — perguntou o porteiro gorducho. Nerissa achou sua sobrancelha arqueada meio insolente, mas conteve a ira — afinal, estava ali para implorar por sua casa e suspeitava que seu desespero fosse evidente até para os criados. Quando soube que Ashton havia apostado a mansão da família, foi como se o seu mundo virasse de ponta-cabeça. Nerissa até então não sabia o que era dever a alguém, jamais compreendera a insegurança nauseante que acompanha contas que não podem ser pagas, compromissos que não se podem honrar. Mas a casa — a casa era muito

diferente. Perder a casa seria perder seu refúgio, sua última esperança de retornar à sociedade de Hespéria. Sua última esperança de sair do buraco cavado por Ashton. Sua última esperança de encontrar um pretendente para Elizabeth.

Reunindo sua dignidade, ela informou ao homem de maneira educada mas firme: — Gostaria de falar com o mestre Dastin. — Em seguida, lembrou que não tinha se apresentado e acrescentou: — Me chamo Nerissa Natoli.

O porteiro fez uma pausa maior do que Nerissa achou aceitável, depois, para sua surpresa, disse rapidamente antes de fechar a porta: — Vou ver se o patrão está.

Aquilo era demais. Ficar parada à porta feito uma pedinte ou vendedora era um insulto que Nerissa não sabia como suportar. Ela resolveu falar com Dastin sobre a grosseria dos seus serviçais.

Enquanto isso, ela pensou no momento em que saíra de casa aquela noite, no pedido de Elizabeth para que ficasse e jogasse cartas, e então sorriu, amarga. Elizabeth podia estar em uma casa pegando fogo e só pensaria em bailes e diversão. Mas, de certa forma, a Casa Natoli estava mesmo pegando fogo, e Elizabeth sofreria mais que todos. Ela era jovem e bela, mas não teria a menor chance de casar se o seu dote não pudesse ser recuperado. Nerissa fez um esforço para não pensar nos bordéis e nas casas de aposta em que o dote da irmã se perdera, mas se sentiu endurecer. Repetiu para si mesma que, lá no fundo, Ashton era um homem bom.

A porta se abriu outra vez, e, quando Nerissa fez menção de entrar, o porteiro disse, com um tom que não podia ser tomado por deferente: — O patrão não recebe hoje.

Nerissa parou com o pé sobre o batente. Será que tinha ouvido direito? O mercador novo-rico estava negando uma audiência a ela? O sangue subiu-lhe às bochechas, e ela se esforçou para se controlar. Fazer uma cena só a humilharia ainda mais. Sua mãe costumava dizer que a nobreza de uma mulher se notava em seu modo de suportar uma afronta, e Nerissa não ir dar àquele criado insolente — ou a seu patrão sem modos — a satisfação de vê-la se portar mal. Ela se empertigou e respondeu apenas: — Muito bem. — Em seguida, deu uma meia-volta graciosa.

A chuva agora caía com vontade, escorrendo veloz pelas ruas de pedra enquanto Nerissa caminhava para casa. os reflexos da luz de velas e lampiões dançavam erraticamente nas poças que ela tentava evitar. À medida que sua raiva foi se esvaindo, medo e desespero tomaram seu lugar. Estarrecida com o agravo de Dastin, esquecera-se do significado da afronta. Fora-lhe negada até a oportunidade de discutir outra extensão do prazo de pagamento. Uma oportunidade de implorar para manter o lar que era seu e de Elizabeth. Por mais que a situação na ida fosse preocupante, Nerissa viu que ela se tornara muito mais desesperadora.

Pensativa, Nerissa se assustou com um relincho súbito. Ela olhou para cima, a chuva fria escorrendo-lhe pelo rosto, e percebeu que não reconhecia a rua em que estava. Estreita, escura e tortuosa, parecia uma floresta úmida, com criaturas apenas vislumbradas à espreita fora do seu campo de visão. Nerissa conhecia muito bem as avenidas e os bulevares mais nobres de Hespéria, mas aquele beco retorcido era de uma estranheza ameaçadora.

Ela se virou, tentando identificar a origem do som, e ouviu outra vez, junto com o chacoalhar de rodas de carruagem. Amaldiçoando a névoa, Nerissa olhou em volta,

sem saber se tinha mais medo da carruagem invisível ou da rua esquálida. Com um espasmo, um cavalo negro feito carvão se empinou diante dela, e suas rédeas foram puxadas com força. Nerissa quase caiu de joelhos, mas o animal acalmou-se de repente, e o cocheiro olhou para ela como se nada tivesse acontecido.

Ela não reconhecia os trajes do cocheiro, mas o corte era de pelo menos da geração anterior. Baixou a cabeça outra vez, a vergonha da sua posição social ardendo ainda mais forte diante da nobreza antiga e respeitada, mas voltou o rosto abruptamente ao ouvir seu nome.

— Nerissa?

A voz era velha, suave e gentil, mas totalmente desconhecida. Nerissa se aproximou da janela aberta da carruagem, cujo painel de madeira fora repuxado por uma mão delicada e artrítica, e tentou discernir o rosto em meio às trevas.

— Sim?

— Não fique aí parada, minha filha. Saia da chuva, você deve estar ensopada. Nathaniel, abra a porta.

O cocheiro desceu com uma postura graciosa e deferente, e a porta se abriu silenciosamente para ela. Nerissa agradeceu com um aceno altivo de cabeça e entrou na carruagem, intrigada demais para sentir vergonha e bem feliz de ter saído da chuva.

Ao se acomodar no banco de madeira, seus olhos começaram a se ajustar à penumbra, e ela discerniu um rosto enrugado e gorducho, uma profusão de cachos

brancos e um corpo encolhido pela idade quase do tamanho do de uma criança. Forçou a memória em busca do nome da senhora, mas não conseguiu nada. Nem um faiscar de reconhecimento daquela mulher, que obviamente a conhecia e, ao contrário de parcelas cada vez mais significantes da sociedade de Hespéria, estava disposta a estender a mão para ajudá-la.

— Mil desculpas — finalmente conseguiu gaguejar, enquanto a mulher a encarava com benevolência —, mas estou em desvantagem. Eu não consigo lembrar onde foi que nos conhecemos.

A mulher sorriu com indulgência e bateu de leve no braço gelado de Nerissa. Sua mão parecia pergaminho ressequido ao contato. — Não se preocupe, querida. Nós não nos conhecemos, então não me surpreende que você não me reconheça. — Seu sorriso se ampliou quando a confusão de Nerissa se espelhou em seu rosto. Ela continuou: — Eu sou uma velha amiga da sua família e tenho andado de olho em você.

Ela piscou? Nerissa não tinha certeza. Mas seu fôlego parou no peito quando imaginou de repente que a mulher era uma tia esquecida com uma pequena fortuna para doar a Nerissa e Elizabeth. Logo sentiu vergonha de pensar aquilo, mas, com o desastre tão iminente, qualquer um que parecesse minimamente um salvador devia ser tratado com o maior cuidado.

— De olho em mim? Então... então você sabe... — Nerissa se interrompeu, fazendo um gesto que indicava a espiral descendente da família em direção à penúria, algo que era melhor não mencionar em boa companhia. A velha acenou quase imperceptivelmente.

— Sei, minha filha, infelizmente sei. E, por mais estranho que pareça... — Nesse ponto, ela olhou pela janela, para a chuva, e fez uma pausa antes de continuar, com um olhar estranhamente fixo. — Talvez eu tenha uma solução para a sua... situação.

Nerissa lutou para manter a expressão neutra, mas seu coração bateu forte de expectativa. Ainda estava intrigada com a identidade da senhora, mas agora a ideia de que ela talvez fosse sua salvadora era real e imediata. Pensou bem antes de falar.

— Uma solução?

— Uma possível solução, minha filha. Quer dizer... bom... você joga cartas?

Nerissa achou aquilo um non sequitur inoportuno, mas acenou afirmativamente. Na verdade, ela era conhecida em toda Hespéria como uma das melhores jogadoras da cidade. Nunca sucumbira ao vício do jogo como Ashton, mas havia esvaziado as bolsas de muitas rivais da sociedade em uma partida "amigável" de "Moirá" ou "Ganso Louco". A velha sabia disso? Estaria ela desafiando-a para uma partida? Nerissa mal sabia o que pensar. Ashton tinha apostado a propriedade da família e perdido. Será que ela conseguiria recuperá-la da mesma forma? Sentiu-se quase extática com a perspectiva, mas apenas sorriu e disse: — Sim. Sim, eu jogo cartas.

Descendo da carruagem diante do portão de casa, Nerissa notou com gratidão que a chuva havia cessado. De fato, as nuvens tinham se dissipado, e milhares de estrelas brilhavam sobre a cidade vestida de noite. Ela se voltou de repente e segurou a porta antes que se fechasse.

— Mil desculpas, mas ainda não sei o seu nome.

— Ah, essa minha cabeça! Eu não disse o meu nome. Me chamo Carlotta.

— Muito bem, Carlotta. Eu espero você amanhã à noite. Tem certeza de que não vai jantar conosco antes de jogarmos?

— Certeza absoluta, meu bem. Eu prefiro jantar sozinha. — E, com isso, fechou a porta, tapou a janela com o painel de madeira deslizante e a carruagem partiu pela rua.

Nerissa subiu as escadas até a porta da frente sentindo a cabeça girar. A velha provavelmente tinha uma pequena fortuna e só queria uma desculpa para dividi-la com Nerissa e Elizabeth. Claro, o jogo era apenas um faz de conta educado, uma delicadeza social para evitar a aparência de caridade. Ou talvez Carlotta tivesse dito a verdade e estivesse mais interessada em apostar alto em um jogo de cartas que no bem estar de Nerissa. *Que seja*. Já tinha ouvido falar — e sido testemunha — de comportamentos mais excêntricos entre os velhos ricos de Hespéria. Se Carlotta queria um jogo, Nerissa a satisfaria prontamente.

Na noite seguinte, enquanto o lusco-fusco do crepúsculo se adensava pela casa, Nerissa quedava-se inquieta em seus aposentos. E se Carlotta fosse tão avoada quanto parecia e esquecesse o compromisso? E se fosse apenas uma piada de mau gosto? E se...?

Nerissa se empertigou e forçou-se a ficar calma. Então olhou em volta: os melhores móveis que restaram, um par de lamparinas de azeite brilhando forte, um carrinho com uma das últimas garrafas de vinho do Kehjistão e duas taças, e, claro, em cima da mesa escura e polida, um baralho.

Nerissa escolhera esse baralho de propósito. Elas eram adornadas com o brasão dos Natoli. Achava que, se ia apostar o futuro da Casa Natoli, seria apropriado que jogasse com cartas que representassem o que estava em jogo.

E quanto ao que estava em jogo... Nerissa olhou outra vez para uma caixa coberta de veludo ao lado das cartas. Nela estava a última joia que encontrara, uma fortuna para uma pessoa comum, mas uma bagatela comparada à riqueza que ela tencionava recuperar. Sabia que teria que vencer, e vencer várias vezes, para que sua família recuperasse a antiga estabilidade. Mas não podia vencer muito rápido, ou isso assustaria a velhota querida. Não... seria preciso muita habilidade, delicadeza e cuidado.

— Nerissa! Olhe!

Seus pensamentos foram interrompidos e ela pulou de susto quando a irmã entrou no aposento, esfuziante. Elizabeth estava coberta da cabeça aos pés com o que pareciam ser grandes folhas farfalhantes cor de âmbar, carmesim e laranja. Nerissa recuou ao vê-la, mas conseguiu se controlar e deu um sorrisinho, correspondendo à alegria que irradiava do rosto da irmã. Embora às vezes ela se ressentisse do alheamento de Elizabeth no que dizia respeito à sua situação preocupante, Nerissa também era cativada por sua beleza e vivacidade. Ela seria perfeita para muitos cavalheiros de Hespéria, pelo menos para alguns não tão nobres, se tivesse um dote.

Mas o dote fora usado para pagar as dívidas de Ashton, e agora Elizabeth tinha pela frente uma vida longa e solitária — ou pior, talvez acabasse casando com algum plebeu ambicioso que desejasse comprar o nome da família Natoli. Nerissa estremeceu e tentou manter o sorriso no rosto enquanto Elizabeth pulava pela sala num saracoteio de dança.

— Percebeu? Percebeu o que é que eu sou?

Nerissa se conteve e não deu nenhuma das respostas ferinas que lhe ocorreram. Em um tom indiferente, limitou-se a dizer: — Não sei... é um bobo da corte?

Elizabeth parou no meio de um passo e olhou perplexa para a irmã. — Bobo da corte? Então eu sou boba, é, mana? — Tentou parecer severa, mas abriu um sorriso e deu uma gargalhada adorável, rodopiando ao redor de Nerissa e quase a derrubando. — O baile dos Lancaster é em duas semanas, e dessa vez eu vou poder ir.

Ela agarrou Nerissa pelos ombros com o júbilo franco de uma criança, na esperança de que a irmã mais velha — tão sem graça e sem imaginação — entendesse. — Você diz que eu não posso ir porque não podemos comprar vestidos novos. Mas a Madame Lancaster diz que dessa vez temos fazer nossas próprias fantasias! Então eu posso ir!

Ela se afastou com um pulo e fez uma pose. Nerissa se ajeitou e foi ver se as cartas e o vinho não tinham sido perturbados.

— O tema do baile é "Tempo" — disse Elizabeth, fingindo estar séria. — Agora você consegue adivinhar o que eu sou?

Nerissa voltou a prestar atenção na moça e a avaliou. Uma inspeção mais demorada revelou que Elizabeth estava quase toda coberta de pedaços de pergaminho e tecido cuidadosamente pregados a um vestido marrom velho. Queria animar a irmã, mas não era hora para brincar de adivinhação. — Uma árvore?

Elizabeth desfez a pose com um suspiro exasperado e sacudiu a cabeça cacheada. — Não, sua pastel. Eu sou o Outono. Não dá para perceber pelas folhas? — Por um segundo, Nerissa viu um lampejo de preocupação genuína nos grandes olhos castanhos da irmã, a leve incerteza de uma moça que, afinal, estava usando um vestido do ano anterior enfeitado às pressas com pedaços descartados de pergaminho e tecido. O coração de Nerissa se confrangeu e ela abraçou Elizabeth.

— Claro que dá. Você está igualzinha ao Outono, sem tirar nem pôr. Você vai ser o assunto da festa.

— Vou sim! — Elizabeth desvencilhou-se do abraço de Nerissa com um gesto imperioso, depois deu uma risadinha. — Ah, obrigada, Nerissa. Agora eu preciso continuar cortando as folhas. Maurice está me ajudando, mas é muito demorado.

E com isso ela desapareceu, partindo veloz da sala como um espírito. Nerissa suspirou e percebeu que não estava mais tensa nem ansiosa. Pegou as cartas e começou a embaralhá-las. Embora se importasse muito com a casa, sua maior preocupação era Elizabeth. Recuperar o bastante de sua fortuna para casar bem a irmã a acalmaria mais que qualquer outra coisa e dissiparia a vergonha que sentia diariamente quanto ao futuro mesquinho que ameaçava a irmã. *Um bom casamento para Elizabeth*, pensou, e rilhou os dentes com impaciência. Agora ela tinha uma chance e planejava aproveitá-la.

— Ah, não, querida. Infelizmente eu não bebo mais nada. — Carlotta afastou a taça de vinho com a mão pequenina e Nerissa a devolveu à mesa, um pouco desapontada. Às vezes o álcool dava uma pequena vantagem, mas Nerissa não contava com aquilo. Estava alerta. Atenta, preparada, quase ansiosa para que o jogo começasse.

— Na minha idade, sabe... bom, temos que abrir mão de certas coisas. — Carlotta sorriu significativamente e Nerissa deu uma risadinha polida em resposta, embora não fizesse ideia da idade daquela mulher estranha. Só sabia que ela já estava bem além de "muito, muito velha", mas ainda não chegara a "morta".

— Então... — Nerissa sorriu. — O que vamos jogar? Luz d'Aurora? Moira? Ganso Louco? — Nerissa queria que fosse Ganso Louco, pois ela se sentia à vontade com as rápidas apostas e contra-apostas do jogo kehjistanês. Mas estava preparada para jogar qualquer um deles, ou qualquer outro jogo que sua convidada sugerisse.

— Ah, não. Ganso Louco é rápido demais para mim. Eu prefiro algo mais simples. Muito simples. — Ela acenou com a cabeça como se concordasse consigo mesma, e Nerissa aguardou. Começou a sentir a tensão voltar e tomou um gole de vinho.

— Mas primeiro... — disse Carlotta, com a voz áspera. Suas mãos apertavam o castão de uma bengala de ébano que parecia mais que necessária para sustentar aquele corpo tão frágil. — A aposta. Precisamos discutir... — e aqui ela enrijeceu levemente, contraiu-se de uma forma estranha — ... a aposta.

Nerissa terminou a taça de vinho e a depôs desajeitadamente sobre a mesa. Ela pegou a caixa de veludo, exibindo-a com orgulho, e abriu a tampa. O conteúdo brilhou.

— Eu tenho minhas joias — respondeu com toda a dignidade que pôde reunir. — Algumas delas estão na minha família há gerações. Essa aqui, por exemplo — e ergueu um pente de filigranas de ouro com uma grande safira —, foi dada à minha avó no dia do casamento. E esse aqui — disse, retirando cuidadosamente uma adaga cuja bainha era tauxiada de três rubis — meu tio-avô levava consigo quando estava na corte. É só decorativo, mas ele realmente achava que era um soldado. — Ela deu uma risada zombeteira, mas percebeu que estava sendo observada por Carlotta com uma insistência inquietante. Devolveu a faca à caixa e esperou que a senhora falasse.

— Não — disse a anciã, sem deixar de encarar Nerissa. — Não, acho que nossa aposta devia ser mais... significativa. — Ela rejeitou a objeção gaguejante de Nerissa com um pequeno gesto. — Acho que devíamos apostar o que temos de mais significativo. Querida, o que é que você deseja mais que qualquer coisa no mundo?

Nerissa hesitou, sem saber se a velha estava brincando ou era louca. Aquele era o seu jeito de se oferecer para pagar as dívidas da família? Nerissa sentia-se tonta com as possibilidades.

— Antes que você responda, cuidado com o que for pedir. As coisas que desejamos às vezes se voltam contra nós. — Carlotta sorriu e Nerissa compreendeu que aquilo era um teste. Claro. A velha não estava só se oferecendo para cuidar da dívida; estava testando Nerissa para ver o que ela diria. Preparou a resposta meticulosamente, como se fosse o desejo sincero de uma esposa leal, e não uma decisão econômica calculada.

— Eu gostaria que Ashton, meu amado marido, retornasse. Sóbrio, mudado e com sua fortuna intacta. — Ela tentou fazer com que a última parte parecesse algo sem importância, e não seu desejo mais premente.

— Muito bem, querida. E em troca? Qual é a sua posse mais valiosa? O que sempre estive em seu íntimo e é apenas seu?

Nerissa, que se achava muito boa em charadas, quase disse a resposta óbvia: "Meu coração". Mas a ideia de aquela velha decrépita desejar seu coração quase a fez rir alto.

Em vez disso, ela considerou o brilho estranho nos olhos de Carlotta e hesitou outra vez. Qual seria a melhor resposta? Nerissa atinou com algo e deu a Carlotta um sorriso indulgente e simpático, dos que se dão a uma criança que pede um doce antes do jantar.

— Eu prefiro que você escolha, claro. Eu deixo você escolher qualquer coisa minha que você quiser e, se eu ganhar, recebo meu desejo mais profundo.

—Combinado — respondeu Carlotta, assim que Nerissa terminou. A rispidez de sua anuência espantou Nerissa, e a dureza em seus olhos pareceu se aprofundar em uma faísca metálica por um instante. Ou não? Nerissa voltou a si e despejou mais vinho em sua taça. Aquela mulher estava brincando com a sua mente. Ou — mais provável — o estresse e a ansiedade, junto com a perspectiva vertiginosa de pagar as dívidas da família, estavam agitando seus nervos. Olhou com mais atenção para Carlotta e não viu nada além de bochechas macias e as linhas profundas entalhadas em um rosto gorducho acostumado a sorrisos e gargalhadas. Repreendeu-se por

julgar a mulher. Ela podia ser um pouco biruta, mas era sua futura salvadora, uma velha excêntrica inofensiva, e, se ela queria jogar com apostas intangíveis antes de doar sua fortuna a Nerissa e Elizabeth, que fosse. Nerissa cantaria cantigas de ninar e brincaria de pular carniça se a velha tola assim quisesse. Contanto que houvesse ouro e prata no final.

— Tudo bem, então. — Carlotta pegou as cartas, cortando o baralho agilmente com uma mão. — Será um jogo simples. Eu tiro uma carta e você tira outra. Nós repetimos até cada uma ter três cartas. Depois revelamos nossas cartas uma de cada vez. — Ela fez um sinal para Nerissa como se perguntasse se ela estava acompanhando. — No final, quem tiver a carta mais alta vence.

O que era isso? Nerissa estava mais convencida do que nunca da falta de juízo da anciã. Não era um jogo de habilidade; era pura sorte. Será que ela deveria apostar o que restava da fortuna da família na virada de uma carta? Tudo em Carlotta sugeria que ela iria querer um jogo revigorante, mas aquilo não passava de uma aposta tola no acaso. Ainda assim, era ela quem tinha a fortuna, para dá-la ou negá-la, e Nerissa faria o possível para agradar a velha.

— A carta alta vence. Certamente. — Ela fez um gesto para que Carlotta comprasse uma carta. A velha acenou ligeiramente com a cabeça, fazendo os cachos brancos balançarem, e esticou o braço para pegar uma carta. Nerissa a imitou, e logo cada uma das duas tinha três cartas viradas sobre a mesa. Sem dizer nada, Carlotta abriu a primeira carta.

— Ah, puxa — murmurou ela, e riu como uma criança. A carta era o três de coroas, que tinha poucas chances de ganhar o jogo. Carlotta encarou Nerissa com olhos

ávidos, as mãos juntas no colo. Um pouco desencorajada pela avidez da convidada, abriu a primeira carta, ansiosa por terminar o jogo para que pudessem passar ao negócio de verdade. Era o doze de serpentes. Nada mau.

Carlotta virou a carta seguinte, o sete de serpentes, e olhou novamente para Nerissa com os olhos ávidos, que pareciam arder. Nerissa hesitou. Não havia o que pensar, não havia estratégia, mas ainda assim ela não gostava da ideia de abrir cartas às cegas até o jogo terminar. Pensou um pouco antes de escolher qual carta virar e, por fim, abriu o oito de leões.

Ela relaxou um pouco. Aquilo era tolice. Um jogo tolo, uma aposta tola e uma velha tola, mas o jogo real — a aposta real — não podia ser mais séria. Nerissa meditou sobre o que fazer depois que a partida acabasse. Sempre fora hábil em ler o rosto e julgar o comportamento dos adversários, e examinou Carlotta enquanto a mão da velha pairava sobre a última carta.

Nerissa ficou boquiaberta ao ver a imperatriz de coroas. Seria difícil ganhar daquilo. Carlotta ergueu o rosto com um brilho quase predatório no olhar. Nerissa recuou, depois se recompôs. Que loucura era aquela? Ali estava uma senhorinha querida, prestes a doar uma fortuna para a sua família, e Nerissa estava tratando esse jogo de apostas imaginárias como se importasse. Deu uma risada e sorriu para a sua benfeitora. — Bem, agora você com certeza está na frente, minha cara. Vamos ver o que eu posso fazer...

Quando Nerissa viu a imperatriz de estrelas, sentiu uma onda de alívio. Carlotta simplesmente estalou a língua e imediatamente se levantou. Nerissa nem teve tempo

de sugerir uma nova partida antes de a velha pedir licença e sair do aposento. Foi atrás dela, com medo de tê-la ofendida ou perdido sua chance.

— Bom jogo, querida. Eu sei onde fica a saída. — Carlotta nem mesmo olhou para trás, e Nerissa tentou evitar o tom suplicante na voz, mas não conseguiu.

— E que tal mais uma partida? Você quase me pegou agora. Um pouco de vinho branco do Kehjistão, não quer? Ou um....

— Eu já disse, querida. Eu não bebo. Mas posso vir amanhã à noite, se você quiser.

— Ah, sim, certamente. Com certeza. Eu vou...

— Eu disse "se você quiser", querida. Então pense na sua decisão com cuidado até amanhã à noite. — E, com isso, partiu. Nerissa sacudiu a cabeça. Daria muito mais trabalho que o esperado conquistar a ajuda daquela senhora. A mulher parecia um livro aberto, mas Nerissa achava que ainda havia muito que saber sobre ela.

Parada nos degraus da frente, observando a carruagem partir, Nerissa notou que havia esfriado de repente. Um frio úmido de amargar cortava sua carne, embora a noite estivesse agradável havia menos de uma hora. E aquela névoa outra vez — parecia se adensar do solo feito uma coisa viva, coalescendo para algum propósito maligno.

Ela voltou rapidamente para a luz e o calor da casa — e para uma taça de vinho — quando seus pensamentos foram interrompidos por um rangido alto, diferente do ruído suave da carruagem de Carlotta. Nerissa forçou a vista para discernir algum detalhe entre os fiapos rodopiantes de névoa.

Nerissa inclinou a cabeça de lado, irritada, e viu uma grande carroça surgir lentamente da névoa e entrar devagar no pátio com o cocheiro curvado como um troglodita no assento. Que comerciante iria entregar algum produto àquela hora da noite? E entrando pela porta da frente ainda por cima. Será que ele pensava que, só porque Nerissa não era mais rica, já não era mais necessário tratá-la com distinção?

— A senhora é a Madame Natoli? — O plebeu pesadão desceu da carroça puxando um pergaminho dobrado do cinto.

— Sim, eu sou a Madame Natoli. O que você trouxe aí a essa hora da noite?

— Bom, é o seu marido, infelizmente, madame.

Nerissa sentiu os joelhos cederem ao perceber o caixão de madeira tosco na traseira da carroça. Maurice correu até ela, que se apoiou nele com a respiração presa na garganta.

— Ashton? Está... morto?

O homem olhou para ela, demonstrando preocupação e pena no rosto duro. — Ah, pelos fados, a senhora não sabia? Mil desculpas, madame. Se eu soubesse, não ia contar assim. Não é certo, não.

Ele entregou o pergaminho a Nerissa, que o recebeu com dedos dormentes. Ela procurou algo para dizer, qualquer coisa que interrompesse a agonia sem fôlego em seu peito. — E... e as coisas dele? Onde estão?

O homem raspou as botas no degrau e sacudiu a cabeça. — Bom, tudo o que ele tem está com ele. Como dizem: "A riqueza que ficou foi a mortalha."

Nerissa sentiu o rubor deixar-lhe o rosto e o homem olhou em volta, ansioso. — Eu vou levar ele para os fundos, está bem? — Ele se voltou para subir na carroça. Ela concordou em silêncio e observou a carroça sair do pátio e ir na direção dos fundos da mansão. Percebeu que ainda estava segurando o pergaminho. Desenrolou-o e tentou ler o texto através das lágrimas que lhe picavam os olhos.

A letra era tosca e difícil de ler, mas Nerissa entendeu bem do que se tratava: era a conta da entrega.

Elizabeth, pela primeira vez na vida, ficou inconsolável. Talvez tivesse se dado conta da extensão do seu infortúnio com a notícia da morte do cunhado. Ashton sempre gostara dela por se identificar com sua alma alegre e aberta para a vida. Agora ela soluçava tão forte que Nerissa foi obrigada a afastar o abatimento da sua própria dor para ir cuidar dela. Enxugou as lágrimas e pensou no que poderia alegrar a irmã. — Não se esqueça do baile dos Lancaster, coração. Você tem que terminar sua fantasia. Por que você não procura Maurice e pede ajuda para cortar mais folhas?

Elizabeth concordou e saiu correndo, deixando Nerissa com seus pensamentos sinistros. Ela sabia o suficiente sobre demônios e bruxaria para não acreditar que aquilo tinha sido mera coincidência, mas não era capaz de explicar o acontecido de alguma maneira lógica. Sentia-se tola por imaginar aquelas coisas, mas, por outro lado, havia boatos de que coisas assim andavam acontecendo em Hespéria. Por um instante, sentiu pânico: aquela bruxa, aquela megera, havia matado seu marido. E agora estava metendo a coitada da Elizabeth na história. Que destino horrendo ela estaria...?

Ela sacudiu a cabeça com força. O importante era que a velha iria voltar aquela noite e Nerissa teria que ficar atenta se quisesse entrar na posse da fortuna esperada.

— Madame? Madame? Chegou uma convidada... — Maurice claramente foi pego desprevenido: Carlotta simplesmente avançou porta adentro e ele a seguiu como um cachorrinho confuso, torcendo as mãos e falando no volume mais alto que se atrevia a usar quando se dirigia à patroa.

Nerissa se ergueu do banco de onde contemplava a chegada de Carlotta e foi até a sacada que dava para a entrada, de frente para a grande escadaria. Maurice ainda seguia Carlotta, que subia as escadas com muito mais vigor que seu porte frágil sugeria. A bengala de ébano batia com força em cada degrau de mármore. — Por favor, mostre o caminho a ela, Maurice — respondeu Nerissa, sabendo que a senhora certamente não precisava de ajuda. Na verdade, o velho porteiro corria para alcançá-la quando ela chegou aos aposentos da moça. Mas aquele era bem o tipo de mentirinha que sustentava a alta sociedade.

Após breves amenidades, Carlotta agarrou o castão da bengala com as duas mãos e se inclinou para frente na cadeira. — Então, filhinha. A aposta...

Carlotta pronunciou a palavra como se fosse uma proposta indecorosa, e Nerissa reuniu forças. Ela tinha pensado bastante na aposta daquela noite. Assim, empertigou a espinha, pousou as mãos com cuidado no colo e disse, com vagar e precisão, como uma aluna prudente recitando o dever: — Mais uma vez, eu aposto qualquer coisa minha que a senhora desejar.

— O que sempre esteve em seu íntimo e é apenas seu.

Nerissa simplesmente fez que sim. — Quanto a mim, eu desejo um dote para Elizabeth. Um dote grande o suficiente para ela poder se casar com qualquer cavalheiro de Hespéria.

— Combinado.

Nerissa se surpreendeu com a rispidez na voz de Carlotta. E aquele brilho em seus olhos... "Faminto" seria a palavra certa? Não, mas parecia que o vigor de faces coradas da velha tinha se tornado algo mais próximo de uma determinação tenaz. Não ficava bem nela, e Nerissa percebeu que estava perturbada pela extensão da mudança no comportamento de Carlotta.

Carlotta estendeu o braço sem dizer nada e cortou o baralho com elegância eficiente. Lançou um olhar para Nerissa, e a luz quase febril em seus olhos — que parecia incongruente naquele rosto enrugado e flácido — fez com que esta sentisse pânico. Ela afastou o olhar e mordeu a língua para se manter no controle. Carlotta comprou uma carta do topo do baralho.

Nerissa pegou sua carta e a colocou diante de si. Carlotta fez o mesmo, e depois elas repetiram o ato até cada uma ter três cartas. O silêncio pairava pesado no ambiente. Carlotta finalmente esticou o braço, virou o onze de leões e, em seguida, olhou para Nerissa. Nerissa sentiu uma vontade súbita de derrubar as cartas de cima da mesa, mas se conteve. Rezando para que sua mão não tremesse, escolheu uma carta ao acaso e revelou o arcanjo de coroas.

— Minha nossa. Que sorte. — Carlotta sorriu e estalou a língua fingindo irritação, mas Nerissa tinha certeza de ter ouvido um descontentamento genuíno e vigoroso em

sua voz. Nerissa tinha quase certeza de que venceria e relaxou. Só restava saber como negociar o tamanho exato do dote quando o jogo terminasse.

Carlotta abriu o nove de coroas e Nerissa respondeu imediatamente com o três de serpentes. Carlotta hesitou pela primeira vez. Sua mão pairava sobre a última carta.

— Nós podemos considerar um empate — sugeriu ela, arqueando a sobrancelha e adoçando a voz. — Com uma aposta tão alta, nada mais justo dar a você uma última chance de recuar.

Nerissa agora tinha certeza de que a mulher era louca. Nerissa tinha a segunda carta mais alta do baralho, e seria quase impossível perder. Por que iria querer considerar um empate? E quem desiste de uma partida antes da última rodada? O pavor tomou conta dela quando pensou que a anciã poderia estar cancelando a aposta completamente. Talvez ela estivesse tão endividada quanto Nerissa. Talvez não tivesse uma moeda pra doar à família, talvez aquilo não passasse de um jogo demente. Talvez...

Mas talvez não. Nerissa iria até o fim com aquela farsa se houvesse alguma chance de casar Elizabeth. Ela respondeu sorrindo com polidez benévola e recusou a sugestão com um gesto. — E privar você da chance de vencer? Nunca. Quem sabe você não tem um arcanjo de estrelas?

Carlotta olhou para a carta como se estivesse considerando a possibilidade de o arcanjo de estrelas estar mesmo sob seus dedos e, em seguida, virou-a na mesa com tanta força que Nerissa pulou.

O dois de leões.

Elas riram, a risadinha costumeira que torna triviais momentos constrangedores e assegura aos presentes de que não houve quebra de decoro. Mas Nerissa sentia a tensão deixar seu corpo como um líquido vil, e a mão livre de Carlotta apertou o castão da bengala com força. Seus dedos encarquilhados pairaram sobre a carta, como se houvesse jeito de abri-la outra vez e produzir um resultado diferente.

— Ah, querida Carlotta. Acho que você me assustou um pouco... — Nerissa começou a dizer, porém, mais uma vez, a mulher se levantou de repente e saiu do aposento sem olhar para trás. Nerissa a seguiu, sem saber ao certo como abordar o assunto do pagamento do dote. Finalmente se convenceu de que, se Carlotta pretendia cancelar a aposta, não havia nada a perder e, se ela fosse honrá-la, seria necessário discutir o assunto antes que ela fosse embora.

— Bom, mas então, Carlotta. Nós temos que falar sobre...

— Não.

Essa única palavra pairou feito um vapor vil no rastro da mulher, que caminhava para a saída, e Nerissa engasgou. Carlotta voltou-se para ela ao alcançar a porta.

— Não, não temos que falar sobre nada. Você... você, Madame Natoli, precisa considerar a aposta. E se você quiser que eu volte amanhã, eu voltarei. Mas não vamos falar sobre nada.

E, com isso, ela se foi.

Nerissa observou a carruagem desaparecer rangendo na noite com o coração pesado. Teria sido tudo em vão? Seria a última vez que veria Carlotta, sua fortuna não

passaria de uma ilusão cruel? Nerissa cerrou os punhos. Um dote para Elizabeth. Era tudo o que queria. Se tudo o mais fosse tomado dela, Nerissa ainda poderia aparecer em público, sabendo que havia conquistado uma vida de conforto e beleza para a irmã, que não tinha nada além da beleza e nenhum preparo para uma vida sem conforto.

Ela ficou olhando para a escuridão, quase esperando que um dote se materializasse ali mesmo como uma aparição miraculosa, w sacudiu a cabeça, repreendendo-se por cair em fantasias tolas. Carlotta se fora, Ashton se fora, o jogo acabara. E Elizabeth seria forçada a se casar com um aldeão vulgar — isso se tivesse sorte. Nerissa refletiu sobre suas opções e concluiu que não tiraria pedaço enviar mais uma rodada de cartas aos credores, implorando a paciência deles. Além disso, não conseguia pensar em mais nada que fazer. Olhou uma última vez para a escuridão lá fora, virou-se, entrou em casa e fechou a porta.

— Maurice? — gritou, e o porteiro idoso apareceu.

— Sim, madame?

— Leve uma lâmpada para o meu escritório. Eu tenho que escrever algumas cartas. — Ela ouviu seu próprio tom duro e se arrependeu. Maurice era leal até não poder mais, e ela não devia deixar que suas frustrações a fizessem tratá-lo mal. — Obrigada, Maurice — disse, e Maurice sinalizou que apreciava aquela rara mostra de intimidade com um aceno de cabeça gracioso enquanto ia se afastando pelo corredor.

Nerissa ficou parada um instante na entrada da casa, odiando a ideia de implorar mais prazo aos credores. Convenceu-se de que não havia pressa. Não poderia começar a escrever até que Maurice voltasse com a lâmpada, de qualquer maneira. Ela se sentia

acossada, cercada, acuada como um animal perseguido por cães. Nerissa se perguntou se conseguiria adiar o inevitável se ficasse parada, sem mexer um dedo.

A batida na porta foi tão suave que, num primeiro momento, Nerissa pensou ser sua imaginação. Então ela ouviu o som outra vez, mais forte e mais insistente. Seu coração saltou no peito e ela se forçou a manter a compostura. Não havia motivo para suspeitar que aquilo tivesse a ver com sua fantasia infantil de um dote mágico, nem motivo para acreditar que pudesse acabar melhor que o retorno de Ashton. Foi até a porta ao som de novas batidas e, ignorando o protocolo, decidiu abri-la ela mesma.

O rapaz à porta não parecia capaz de fazer tanto estardalhaço, mas saudou Nerissa com a ponta do chapéu e baixou a cabeça ao vê-la, retirando uma carta selada da bolsa.

— Carta para madame. — Ela pegou a carta e notou o selo elaborado impresso na cera que, junto com um pedaço de fita de seda negra, mantinha fechada a mensagem dobrada. Ofereceu uma moeda ao rapaz, mas ele recuou, recusando: — Perdão, madame, mas não posso aceitar. Eu já fui pago, não é?

Nerissa sorriu diante daquela demonstração de honestidade e estendeu a moeda outra vez. O rapaz ergueu as mãos em recusa e o sorriso de Nerissa esvaneceu. — Não, madame, por favor. Eu recebi ordens. — O rapaz evidentemente estava com medo e recuou, mantendo os olhos na moeda como se Nerissa fosse enfiá-la à força em suas mãos. Quem tinha enviado aquele jovem com admoestações tão sérias? Que coisa estranha de se fazer. Ela tentou rir daquilo, mas a voz ficou presa na garganta e nenhum som foi produzido.

Fechando a porta atrás de si, examinou o selo. Era um brasão, mas nenhum que ela conhecesse. Alguém de fora de Hespéria? Quem poderia ter negócios a tratar com ela...?

Ela sentiu o medo apertar suas entranhas ao perceber que não fazia ideia de onde Ashton estivera em todos aqueles meses, e era impossível saber de quem ele poderia ter pedido dinheiro emprestado. Talvez houvesse outros credores, dessa vez com nomes importantes. Credores dispostos a mandar cartas a grandes distâncias para cobrar o que era seu.

Frustrada com sua imaginação mais que fértil, Nerissa rompeu o lacre e desatou a fita. Abriu a carta e a leu, a princípio com apreensão, depois com curiosidade e, por fim, com mãos trêmulas e um coração leve como não sentia em meses.

Um dote. O impossível acontecera. Um dote para Elizabeth. Nerissa abençoou Carlotta e os anjos do Paraíso Celestial que a enviaram, e gritou o nome da irmã.

— Elizabeth! Venha cá agora mesmo!

Sua voz soou estranha, indecorosamente alta, quase perturbadora na casa quieta. Ela leu e releu a carta, e não podia haver dúvidas. Aquele era o milagre prometido. Apostara tudo e ganhara a única coisa com que se importava.

— Nerissa, meu amor, o que foi? — Elizabeth desceu a escada aos pulinhos, metida naquele vestido outonal ridículo, com as folhas farfalhando e ondulando atrás de si. Nerissa percebeu que algumas folhas se soltavam na pressa com que ela descia e sorriu ao imaginar Elizabeth perdendo folhas como uma árvore no outono. Recompôs-

se, de alguma forma incomodada com a ideia, e lançou à irmã preocupada um sorriso gracioso e benevolente.

— Elizabeth, recebi uma ótima notícia. Parece que o visconde — ela deu uma olhada na carta para se certificar do nome — Delfinus é um parente distante nosso. Infelizmente, ele faleceu. — Tentou fazer uma expressão séria, mas não valia o esforço. — Mas, antes de morrer, ele reservou alguns fundos para as parentas solteiras mais jovens.

Ela fez uma pausa para que Elizabeth expressasse júbilo, mas a moça apenas a encarou, esperando uma explicação.

— Um dote, Elizabeth. Você recebeu um dote. E bem generoso.

Elizabeth deu um gritinho e bateu palmas como uma criança feliz, pulando de alegria. Daquela vez, Nerissa achou melhor não cercear a espontaneidade da irmã. Os meses de economia, de arranjos humilhantes e súplicas finalmente tinham valido a pena. Elizabeth iria se casar, e toda a sociedade de Hespéria veria Nerisa Natoli erguer a cabeça mais uma vez.

— Um dote! Eu vou casar direitinho, com um cavalheiro! — Elizabeth fez uma pirueta e as folhas do vestido farfalharam loucamente. Nerissa resistiu ao impulso de ralhar com a moça — afinal, aquele era um momento de triunfo. Que ela dançasse e saracoteasse, se quisesse.

— Maurice! — gritou Elizabeth. Nerissa fez uma careta para o volume da voz da irmã, mas, antes que pudesse dizer alguma coisa, a moça havia agarrado suas mãos e estava conversando com ela, e a alegria se estampava em seu rosto.

— Será que ele vai ser um soldado? Dizem que o capitão Donne está procurando uma esposa, e ele é um cavalheiro bem bonitão. Ou quem sabe um cortesão? Raymond Haston dançou comigo quase a noite inteira no baile de Madame Whittington ano passado, e eu acho que ele gosta de mim. E Celeste disse que vários cavalheiros de Entsteig vão atravessar o golfo para ir ao baile de Madame Lancaster, e com certeza haverá alguém adequado entre eles...

Nerissa concordou vagamente em resposta à conversa da irmã. Logo haveria tempo para escolher um marido, e ela sorriu por sobre o ombro de Elizabeth para Maurice, que foi apressado na direção delas segurando a lâmpada, com uma expressão preocupada.

— Ah, eu preciso contar ao Maurice! Eu tenho que... Maurice! — Elizabeth se afastou de Nerissa com tanto ímpeto que quase colidiu com o velho criado, que estendeu o braço para sustê-la. A moça foi afastar-se cambaleante, prendeu o pé na barra do vestido e segurou o braço de Maurice. Nisso, ela o desequilibrou e ele derrubou a lâmpada no chão de pedra. O azeite em chamas espalhou-se entre os dois.

Nerissa gritou e depois se conteve. Elizabeth e Maurice afastaram-se da poça em chamas com cuidado e olharam para ela como crianças assustadas. Ela tentou pensar, mas, por um longo instante, as chamas a hipnotizaram. Então disse a Maurice: — Uma vassoura. Pegue uma vassoura para bater no fogo. — O velho se afastou e Nerissa olhou em volta para ver se havia algo inflamável perto do azeite em chamas. Voltou o olhar para Elizabeth, que tremia de medo e agitação, e se forçou a sorrir. — Está tudo bem, Elizabeth. Tudo vai ficar...

Ela se interrompeu. Seus olhos seguiram a trilha de fumaça até a barra da fantasia de Elizabeth. Uma das folhas de pergaminho estava fumegando e, enquanto observava, irrompeu em uma chamazinha brilhante. O fogo pulou para outras folhas de pergaminho e, antes que Nerissa pudesse sair do transe, mais um punhado ardia. Dessa vez, ela gritou de verdade e se aproximou às pressas da poça em chamas, e Elizabeth baixou o rosto e viu a labareda com os próprios olhos. Antes que Nerissa pudesse alcançá-la, a moça uivou de puro pavor e afastou-se correndo do azeite em chamas, abanando as labaredas que já tomavam metade do vestido. Nerissa correu atrás dela, mas Elizabeth estava em pânico, correndo pelo salão na frente da irmã, gritando feito louca. Nerissa finalmente a alcançou e a segurou, sentindo o calor forte contra o rosto. Elizabeth se sacudia com violência tentando se soltar. Nerissa batia no fogo com as mãos, mas as labaredas só ficavam mais fortes, envolvendo-a com faíscas. Elizabeth gritou de dor quando as chamas começaram a devorar seus cabelos e se afastou com um repelão de Nerissa, que agarrou o vestido com toda a força. As costuras velhas se soltaram e o vestido se soltou de Elizabeth, que desabou no chão. Nerissa correu até ela, tentando abafar o fogo que queimava os cabelos da irmã, enojada com o cheiro de carne queimada.

Nerissa imediatamente mandou Maurice buscar os curadores e, para sua eterna gratidão, eles chegaram rápido. Trabalharam por horas e salvaram a vida de Elizabeth, mas não sua beleza. O rosto dela ficou marcado por bolhas vermelhas que iriam virar cicatrizes, segundo os curadores. Os cabelos tinham sido totalmente destruídos e a calva estava recoberta de chagas abertas e carne calcinada. Um olho fora arruinado e parte da testa se afundara de forma grotesca sobre a órbita vazia. O que restara de seus lábios retorcera-se em um ricto angustiado de zombaria.

Nerissa ficou ao lado da irmã até o alvorecer, quando as pomadas e remédios finalmente permitiram que Elizabeth adormecesse levemente. Aí ela pensou em seu erro. Subestimara a velha, óbvio, mas, mais que isso, Carlotta desfizera tudo o que Nerissa tentara conquistar. Nerissa percebeu que o dote era tanto para ela quanto para Elizabeth, e rilhou os dentes, frustrada. Se fosse só com ela, jamais veria a horrenda senhora outra vez. Aceitaria a pobreza das classes baixas e ficaria lambendo as feridas, mas não conseguia suportar o que tinha acontecido com Elizabeth. Carlotta usara os desejos de Nerissa contra ela mesma, e Elizabeth sofrera terrivelmente por isso. E sofreria pelo resto da sua vida horrenda, a não ser que Nerissa pudesse desfazer o que acontecera.

Apostara duas vezes pela fortuna que desejava tão desesperadamente, e duas vezes algo horrível acontecera com alguém próximo a ela. A velha bruxa não a enganaria uma terceira vez. Uma certeza fria e amarga se apossou dela, e Nerissa compreendeu o que tinha que fazer. Naquela noite, Nerissa estaria pronta. Naquela noite, aumentaria a aposta. Porém, naquela noite, ganhar ou perder não faria diferença.

Maurice espiava a rua pelas pesadas cortinas do aposento como um falcão idoso. Ele se culpava pelo que tinha acontecido a Elizabeth, e, embora Nerissa tivesse feito o possível para tranquilizá-lo, ela não podia contar a verdade sobre o horrível acidente. Assim, ele assumiu o novo posto como um soldado em campo e ficou observando a rua, aguardando a carruagem que os dois esperavam. Se estranhou que Nerissa recebesse visitas e jogasse logo depois de duas tragédias, não disse nada.

Nerissa se conteve para não encher outra taça de vinho e refletiu mais uma vez sobre a chegada iminente de Carlotta. Ocorreria-lhe que não era obrigada a jogar outra partida com a velha criatura. Poderia mandá-la voltar da porta mesmo. Mas claro que não seria necessário: sabia que Carlotta só iria aparecer se Nerissa assim o desejasse. E sabia que Carlotta viria com certeza se ela assim o desejasse.

Ela ouviu um relógio distante dar a hora na cidade e estremeceu. Perguntou-se de que cemitério decrepito a velha teria saído, e lhe ocorreu que o que havia acontecido quando ela ganhou nas cartas iria parecer pouco comparado ao que aconteceria se perdesse. Lembrou-se de lendas contadas aos sussurros sobre corações sangrentos arrancados ainda batendo dos peitos das vítimas, mas afastou as imagens sinistras. Carlotta logo chegaria e Nerissa precisava estar alerta. A velha era como um demônio que podia ser evocado à simples menção do seu nome. Nerissa articulou em silêncio as sílabas, imaginando que evocava algum espírito vil e horrendo de um fosso infecto.

— Madame — gemeu Maurice —, lá está ela.

O sorriso de Nerissa congelou-se em uma carranca de determinação amarga. — Muito bem, Maurice. Mande ela entrar. — Ela reclinou-se na cadeira e contemplou as cartas outra vez. Elas lhe trouxeram a vitória duas vezes e, ainda assim, perdera mais a cada partida. Mas aquela noite seria diferente, pensou ela, e encheu uma taça de vinho. Aquela noite, se tudo saísse conforme o plano, pouco importaria o fato de que aquela era praticamente a última garrafa na casa. Era o que Nerissa imaginava enquanto bebericava o líquido picante. Claro que, ao lidar com aquela... bruxa, demônio, sabe-se lá, não havia garantia de que as coisas iriam sair como planejado. Mas estava decidida. Tinha se comprometido àquilo, e agora era a hora ir até o fim. Deixar Maurice perto

das cortinas fora a primeira jogada da sua nova estratégia. Não seria pega de surpresa naquela noite.

No entanto, em vez das batidas na porta, Nerissa ouviu as batidas em staccato da temível bengala de ébano no chão de mármore. Maurice não poderia ter descido tão depressa para abrir a porta e, na verdade, ela não ouvira a grande porta de carvalho se abrir. Mas Carlotta estava em sua casa, já subia a escada, aproximava-se a cada batida da bengala nos degraus.

Nerissa ouviu o barulho subir a escadaria e depois se aproximar do aposento, com Maurice correndo logo atrás. Carlotta entrou mais ou menos de supetão, e Maurice a anunciou, já sem necessidade: — Madame Carlotta.

Propositalmente, Nerissa não se levantou para cumprimentar a visita. Apenas afundou-se mais na cadeira. Percebeu que Carlotta estava tão ávida pelo jogo quanto ela e decidiu deixar que a velha corresse um pouco atrás.

Carlotta não passou recibo da afronta, mas Nerissa conhecia bem os protocolos sociais e não se deixou enganar. A velha sentou-se com um grunhido, as mãos apertando a bengala. Nerissa finalmente ergueu os olhos das cartas e deu um sorrisinho artificial.

— Vinho?

Carlotta sorriu de volta, mal mostrando os dentes. — Obrigada. Não.

As mulheres ficaram se encarando, e Nerissa avaliou Carlotta, que já não era a viuvinha frágil de bochechas rosadas do primeiro encontro. Suas bochechas tinham

afundado, os lábios estavam rachados, os dentes... pareciam mais afiados. Um quê de fome desesperada rebrilhava em seus olhos, e Nerissa pensou que as últimas noites deviam ter sido difíceis para a anciã. Ela se esforçara para levar um sofrimento horrível à casa de Nerissa e não ganhara nada em troca. Nerissa tomou outro gole de vinho, permitindo que o silêncio pairasse no ar. Sua mãe tinha lhe ensinado que é um erro grosseiro deixar o adversário perceber que se deseja muito algo — "Uma necessidade é uma fraqueza", era o que ela dizia. No entanto, pelo modo como as mãos ressequidas de Carlotta apertavam inquietas o castão da bengala, Nerissa via que aquela criatura sentia a urgência do jogo daquela noite. Certo. Aquela seria a alavanca com que Nerissa a manipularia.

Nerissa pegou a caixa de joias recoberta de veludo e a abriu, segurando-a para que Carlotta inspecionasse o conteúdo. — Nós apostamos palavras e promessas, mas esses itens são feitos de diamantes e ouro. Tem certeza de que não quer jogar por... uma aposta mais substancial?

Algo parecido com pânico adejou pelos olhos de Carlotta, que apertou os lábios antes de sorrir obsequiosamente. — Não, minha cara. Isso, não. Se eu vou conceder seu desejo mais íntimo, você tem que me oferecer seu bem mais valioso. — Sua língua passeou pelos lábios com destreza de réptil, e Nerissa a imaginou bífida, sibilante. Ela assentiu em silêncio.

Carlotta abriu um sorriso genuíno e profundamente malicioso. — E o que apostaremos hoje? O que é que você mais deseja esta noite?

Nerissa sorriu calmamente, mas seu coração bateu com força no peito. Não tinha dúvidas de que Carlotta iria exigí-lo se Nerissa perdesse. Escolheu as palavras com

cuidado mas as disfarçou com um tom casual. — Eu só quero ver Elizabeth feliz e bela novamente.

Carlotta inspirou fundo para responder, mas Nerissa a interrompeu com o dedo levantado.

— Mas eu só jogo hoje com a condição de que Elizabeth possa ter sua beleza e sua felicidade de volta já durante nossa partida até eu virar minha última carta.

Carlotta a encarou, confusa. — Você quer o prêmio antes de vencer? Absurdo.

— Se você pode conceder o prêmio, pode muito bem tomá-lo se eu perder. — Nerissa sorriu com doçura. — Só peço que Elizabeth ganhe um instante de beleza e felicidade. A não ser que você queira apostar algo de menor valor, claro... — Fez um gesto vago em direção à caixa de joias aberta, e Carlotta sacudiu a cabeça; sua expressão era uma mescla de raiva e ansiedade.

— Não. Claro que não quero. Mas você está pedindo demais. Não pode ganhar o prêmio antes de vencer.

Nerissa se sentia andando na corda bamba, sopesando a obstinação de Carlotta em fazer as coisas do seu jeito em contraste com a avidez evidente da criatura vil. Ela sorriu com calma estudada e mediu a incerteza nos olhos de Carlotta, o tremor nervoso de seus dedos, a inclinação de seus ombros. Ela era a própria imagem da necessidade, embora tentasse disfarçar.

Nerissa encarou Carlotta por um bom tempo, deu de ombros como se aceitasse a derrota e indicou a caixa de joias. Inclinou a cabeça de lado, insolente, desafiando Carlotta a aceitar as joias e berloques.

Carlotta fervia de irritação, mostrando os dentes.

— Que seja. — Ela bateu palmas e Nerissa não pôde evitar um arquejo. Por um instante, as luzes piscaram e, nas sombras, os olhos de Carlotta brilharam feito brasas. A velha sorriu, triunfante como um predador, e Nerissa lutou para recobrar a compostura. Carlotta parecia ainda mais ressequida e encarquilhada do que parecera fazia pouco. Mas jamais parecera tão letal.

Imediatamente, o barulho de pés descalços quase correndo ressoou no corredor. Carlotta encarou o olhar de Nerissa; a sombra de um sorrisinho satisfeito adejava no canto de sua boca. Nerissa sorriu com doçura, como se olhasse para um convidado favorito em um jantar. Seu estômago deu um nó doloroso, mas o rosto irradiava cálida boa vontade.

A porta se abriu e nenhuma delas se moveu. Elizabeth correu para o lado de Nerissa só de camisola. As mechas douradas caíam sobre os ombros e os traços delicados estavam mais radiantes e belos do que nunca.

— Ah, Nerissa, eu tive um sonho tão estranho. Era... era... ah, puxa! — Ela deu uma risadinha, levando os dedos à boca. — Eu esqueci o que era.

Nerissa finalmente olhou para ela, levantando a cabeça com precisão casual. — Que interessante, coração. Mas infelizmente eu tenho que dar atenção à visita.

Elizabeth pareceu perceber Carlotta e recuou levemente. — Ah, desculpe interromper. O que foi que me deu? — Ela estava confusa, aterrorizada pela horrível velha, mas fascinada demais para se afastar. — Eu... devo me retirar?

A velha olhou para Elizabeth, que recuou para as costas da cadeira de Nerissa. — Deve, sim, Elizabeth — crocitou Carlotta, e seus dedos apertaram o castão da bengala de ébano. — Despeça-se da sua irmã.

Os olhos de Nerissa se apertaram e Carlotta sorriu com crueldade visível. Toda a fachada de civilidade se fora. Nerissa manteve o olhar fixo na velha por mais um instante, depois lançou um sorriso genuíno e carinhoso para a irmã desconcertada. — Adeus, Elizabeth — sussurrou, e Elizabeth afastou-se de forma involuntária.

— Adeus — respondeu Elizabeth, insegura, e quase saiu correndo da sala.

— Agora. — Carlotta cortou o baralho. Nerissa hesitou e pegou uma carta. Quando as seis cartas estavam sobre a mesa, ela sentiu a dúvida perpassar seu peito outra vez. Fez um esforço para ignorá-la, determinada a ir até o fim. Revelou a carta da direita e reprimiu a animação ao ver o bispo de estrelas. Carlotta fez um barulho de repreensão e virou o cinco de serpentes. Ela olhou para Nerissa com avidez nos olhos, e esta teve que se conter para não recuar.

Ela esticou o braço e abriu a carta da esquerda. Carlotta deu uma risada rude. O dois de leões não iria ajudar muito. Nerissa deu uma olhadela na caixa de joias enquanto a mão de Carlotta pairava sobre as cartas remanescentes. Então a velha escolheu uma.

Carlotta crocitou de júbilo ao abrir o arcanjo de estrelas. Deu uma risadinha e começou a sacudir-se lentamente para cima e para baixo na carteira. A cabeça de Nerissa girava. A carta mais alta do baralho. Ela olhou para sua última carta, sabendo que não importava mais. E no entanto...

— Vamos logo, minha cara. — Carlotta nem se deu ao trabalho de disfarçar a alegria malévola. — Vire. Vamos acabar logo com isso, está bem? — Seu sorriso era pura destruição, e Nerissa se perguntou como aquela bruxa tomava o coração das vítimas. Será que o sugava pela boca? Abria o peito das vítimas com as garras? Ou mastigava costelas adentro feito uma ratazana enorme?

Ela sacudiu a cabeça para afastar aqueles horrores e sorriu para Carlotta. — Claro, não é tarde demais para considerar um empate. Ou para mudar a aposta... — Apanhou a caixa de joias outra vez e passou o dedo na safira engastada no pente, depois tocou as joias do cabo da adaga.

— Não — retorquiu a velha, inclinando-se na cadeira. — Você aceitou. Você perdeu. Agora vire a carta e vamos terminar o jogo.

— Sim — respondeu Nerissa. Sua voz era puro aço. — Vamos terminar o jogo. — E, com um movimento rápido, tirou a adaga da bainha. Carlotta gritou e tentou aparar o golpe com a bengala, que soltou um fogo fora do normal pelo castão, mas Nerissa virou a lâmina e a enterrou no próprio peito. Sangue espirrou aos borbotões, salpicando as cartas, e Carlotta se encolheu, grunhindo de fúria animal. O sangue arterial de cor viva caía na mesa com força decrescente, até que os olhos de Nerissa se reviraram nas órbitas e ela caiu na cadeira. O sangue escorria suavemente agora, encharcando com vagar o corpete bordado.

Carlotta ficou imóvel na cadeira por um bom tempo. Sua respiração vinha em arquejos curtos. A língua bífida lambia lábios escamosos. Seu olhar passou do cadáver que esfriava para o jogo por terminar na mesa.

De algum lugar na casa, ela ouviu os passos abafados de Elizabeth e percebeu, com desgosto crescente, que o feitiço que lançara na jovem duraria até o fim do jogo. A megera sibilou e estendeu a mão para virar a última carta de Nerissa, mas se deteve. Seria inútil. Os termos do jogo estavam definidos e não podiam ser quebrados.

"Até eu virar a última carta", dissera Nerissa.

Com grande esforço, Carlotta se ergueu, apoiando-se pesadamente na bengala.

— Bom jogo, querida. Bom mesmo.

Ela deu as costas às cartas ensopadas de sangue e, com passos lentos e dolorosos, saiu claudicando do aposento.